

arq100

ARQUITETURA E ARTE

Jan | Fev 2012 | €11,00

fluências acionais

ter Zumthor
samble Studio

Sie(n)

ilippe Rahm

G

n Körmeling

m & Videgård

e Figueira

ardo Rodrigues

ro Gadanho

Rendell

han Charley

Spiller

Jones

hez Lai

Dujardin

spacialistas



N: 1647-077X

A Ficção Tardomoderna

Derivações Pós-modernas e o nosso Transitório Presente

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

1. Interessa-nos, no âmbito do tema "ficção", delinear uma possibilidade de entender o nosso transitório presente. Como será o moderno tardio, pós-modernismo, e suas múltiplas derivações, historiado de acordo com os focos do momento que vivemos? Sem pretender responder a esta questão, interessa-nos rever estes intensos momentos arquitetónicos, e apontar, na sua complexidade, reconciliações que melhor nos permitam entender o presente.

2. Começamos por recordar que o movimento moderno foi motorizado por um impulso utópico, o qual, suportado pelo progresso tecnológico, acreditava que a Arquitetura conduziria a uma sociedade melhor. Rouillard em *Superarchitecture*, à semelhança de outros, expôs que entre 1950-1970 a crise da arquitetura moderna tomou três expressões que redefiniram o seu futuro: o Team X (constituídos em 1956) "baseados na ideia de conexão e relacionamento"; abandonada por uma "nova utopia" constituída por um "híbrido de ... arquitetura ... planeamento e infra-estrutura" denominado Megaestruturalismo, e a arquitetura Radical (formada em 1956), em que "tal expectativa tecnológica" deixou de ser pensada em termos de "progresso ou de felicidade mas em prol da revelação da realidade".¹

3. O referido trabalho Megaestrutural desenvolveu-se em diferentes países como Inglaterra, França, USA, Áustria e Itália. Recorde-se que entre os vários protagonistas, como os Archigram em Inglaterra, os Situacionistas em França, os Metabolistas no Japão, atuaram certamente muitos outros, menos conhecidos, mas de igual importância, como Yona Friedman ou Cedric Price. A maioria deles era inspirada pelo visionarismo de Fuller ou Otto, que previamente tinham trabalhado com sistemas flexíveis e standardização mecânica. Interessa-nos recordar alguns aspetos pertinentes, como a crítica precedente ao funcionalismo, pela Internacional Situacionista, ou a perspectiva "plug-in" e tecnológica, dos Metabolistas e Archigram, assim como a crítica dos grupos Italianos, Archizoom e Superstudio.

A Internacional Situacionista foi um coletivo de artistas, ativistas e arquitetos, de diferentes nacionalidades, aglutinados em redor de Guy Debord. Com vista a empreenderem uma oposição ao funcionalismo, a IS desenvolveu estratégias de "detournement" com vista a privilegiar apropriações urbanas inesperadas e estratégias de "deriva" enquanto método pós-surrealista de consciencialização da urbanidade marcada pela "psico-geografia". Tal foi fomentado pelo seminal trabalho sociológico de Huizinga, *Homo Ludens*, que largamente influenciou o pensamento arquitetónico seu contemporâneo.² Entre outros trabalhos significativos, referência deve ser feita para o trabalho arquitetónico de um dos seus membros – a "nova Babilónia" (1958) do escultor Holandês Constant. Esta cidade utópica, desenvolvida metodicamente durante vários anos, imaginava um ambiente urbano coletivo permeável à transformação pelos seus ocupantes.³

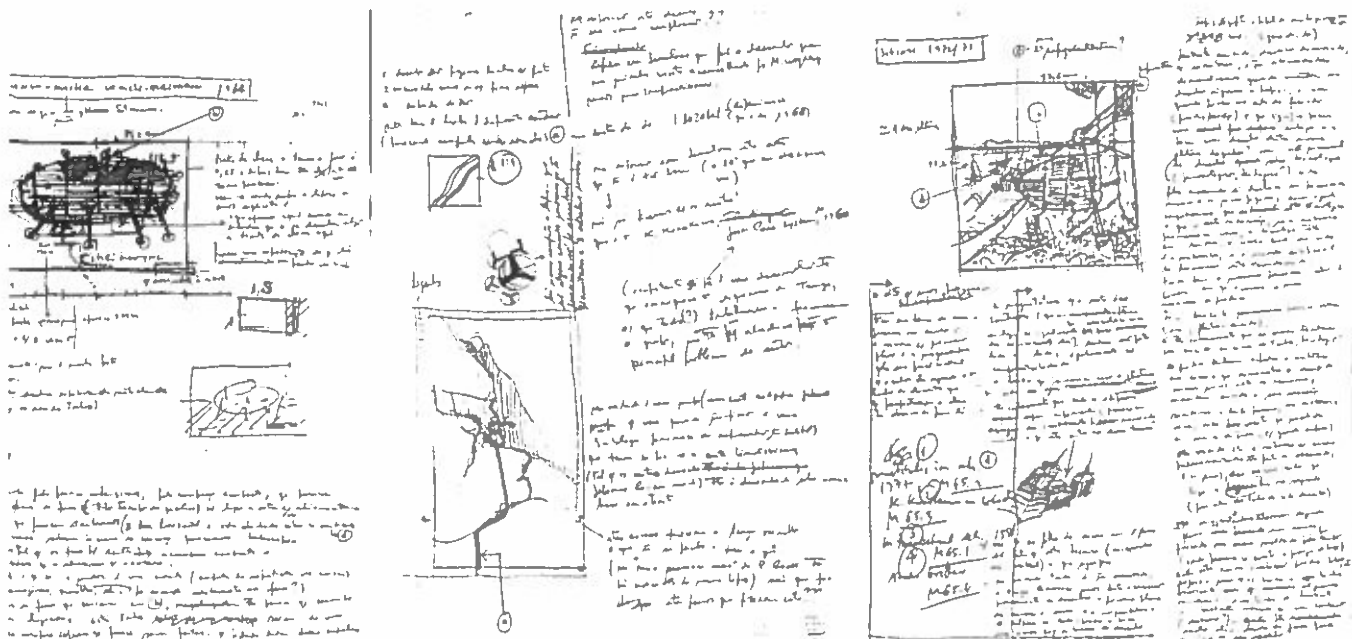
O Metabolismo, foi a resposta megaestrutural Japonesa, empreendida por um grupo de arquitetos em redor de Tange e da conferência de Tóquio

de 1960. Um explícito exemplo das suas propostas encontra-se na "City in the air" de Isozaki, ou no "Joint core system" (1960) de Kurokawa. A primeira era uma megaestrutura multifuncional suspensa sobre a cidade existente, com colunas que permitiam circulação multidireccional e crescimento em todas as direções. Mais que uma utopia flutuando no espaço, fazendo "tábua rasa" do ambiente existente, expressava-se a necessidade de um sistema flexível (pela ciência dos sistemas e não pela standardização) capaz de absorver a mutação social e a representação do individual. Como em outros "urbanismos unitários", a inspiração era tecnicista, mas derivava também da ideia de "regeneração biológica" e da ideia de arquitetura enquanto extensão da natureza.

Os experimentos da IS e do Metabolismo foram prévios aos Archigram, grupo Britânico fundado por Peter Cook.⁴ Os Archigram receberam aclamação internacional sobretudo por desenvolver cidades móveis. "Plug in city" (1962-62), por exemplo, consistia numa estrutura em que módulos edificadas iriam ser conectados de acordo com as necessidades dos seus habitantes. No entanto, e de acordo com conversas tidas com Webb e Green, observando a diversidade de direções e processos de projeto na obra dos Archigram, uma questão essencial seria: Foram o Archigram um grupo ou antes uma rede de práticas?⁵ Recorde-se que os Archigram apareceram em 1961, por altura do primeiro número de um *magazine* composto por um desenho de Cook e Webb, e um poema de Green que clamava: "A new generation of Architecture must arise with forms and spaces which seem to reject the precepts of 'modern' yet in fact retains those precepts".⁶ Uma característica notável foi que o seu sedutor grafismo, era baseado no poder da estratégia publicitária. Neste e noutros aspetos, os Archigram estavam por então ainda longínquos da posição política de, por exemplo, a IS, e aceitavam a conformação da emergente cultura espectacular. À sua forma, tentavam encontrar modos produtivos de lidar com o mecanismo tardo-capitalista. Por outro lado, se seguirmos a produção cronológica dos Archigram, desde o "Living Pod" (1966) de Green ao "Electric Tomato" (1969), não podemos deixar de ser levados a reconhecer uma progressiva problematização humanista, um falhanço do sonho mecanicista e a proposição de uma nova relação eletrónica com a natureza.

A seguinte produção Italiana foi caracterizada por uma forte crítica política, envolvendo os grupos Superstudio e Archizoom.

No texto introdutório para a exposição *Superarquitettura*, organizada por Branzi e Natalini na galeria "Jolly" 2 em Pistoia (1966), explicitamente foi avançado o seu ponto de vista: "The supersuperarchitectura is the architecture of a super production, of the super consume, of the super induction to consumption, of the supermarket...".⁷ Os Superstudio foram um grupo italiano de Florença, fundado em 1968, por De Francia, os Magris, Fassinati, Natalini e mais tarde Poli. A abordagem poética dos Superstudio levou-os a conceber projetos como o "Monumento Continuo", provavelmente o mais conhecido, com um gesto de ordem constituído por grelhas expandindo-se pela superfície terrestre. Como citado na crítica à sua recente exposição e publicação retrospectiva: "Superstudio changes the modernist orthodoxy that architecture and technological advances



Investigação no MoMA 2003

the world by creating alternative visions of the future... bers ... were usually pessimistic about politics and its ability solving social, cultural and environmental problems".⁹ eram outro grupo Italiano paralelo, composto por Branzi, nullo, Morrozi, e os Bartolini. O grupo, influenciado pelo utópico dos Archigram, concebeu projetos arquitetônicos e design. Entre os seus mais famosos projetos, está a *No* (1970), que pode ser visto como uma visão irônica da cidade. Propondo uma rede neutra, o mito da "quantidade" surge no algo aberto à apropriação individual e aspira superar a moderna. Mais tarde, em 1972, *Italy – The new domestic* exhibition at MoMA ... identified design as the projectual re appropriated to a reflection about the degraded modern metropolis, intervening to try to change the and its surroundings".⁹

cia contra o modernismo está presente entre as três mencionadas – os Team X, o movimento Megaestrutural, ical. Tratou-se de um período de rápidas correntes as, que passaram pela Megaestrutura e seu subsequente substituição pelo pós-modernismo, situação que o MoMA i no seu aclamado evento *The change of the Avantgard*.¹⁰ do período histórico compreendido entre os anos 50 e a simultaneamente por um interesse cibernético e por um sófico, permitirá melhor entender os desenvolvimentos de então – tanto o estruturalismo pós-modernista e pós-

estruturalismo dos anos 80 (passando pela Desconstrução, etc) e a "estética de emergência" dos anos 90s (Lynn, FOA, etc). De facto, percebemos em tal mistura de perspectivas, cibernética e filosófica, uma eventual possibilidade de teoricamente reconciliar dois vetores do desenvolvimento arquitetônico contemporâneo – uma relacionada com a pós-linguística francesa e a outra com as novas tecnologias e "ciências da complexidade". Toda a chave do presente, poderá no entanto ser encontrada nesse momento de impasse que foi a passagem das expressões tardomodernas de vanguarda e as divergências do pós-modernismo. ■

¹ Dominique Rouillard, *Superarchitecture: Le future de l'architecture 1950-70*, Editions la Villette, Paris, 2004.
² J. Huizinga, *Homo Ludens*: A Study of the Play element in culture, Beacon Press, Boston, 1955.
³ Cf. J.C. Lamberth, *New Babylon Constant: Arte et Utopie: Textes d'Art*, Paris, 1977; Mark Wigley, *Constant's New Babylon: The hyperarchitecture of desire*, O10 Publishers, Rotterdam, 1998.
⁴ Cf. Dennis Crompton (ed.), *Concerning Archigram*, Archigram Archives, London, 2002 (1998), *A Guide to the Archigram 1961-74*, Academy Editions, London, 1994.
⁵ Conversa do autor com Michael Webb, NY, May 2004; Conversa do autor com David Green, London, 2004.
⁶ AAVV, *Archigram*, N.1, London, 1961.
⁷ Cf. *Les années pop*, Centre George Pompidou, Paris, 2001.
⁸ Peter Lang and William Menking, *Superstudio: Life without objects*, NY, 2003.
⁹ "Radical Design: Ricerca e progetto dagli anni 60 ad oggi", in: www.exibart.com.
¹⁰ *The changing of the Avantgard: Visionary architectural drawings from the Howard Gilman collection*, MoMA, NY, 2002.